

TRÊS NOVOS POETAS MEXICANOS: PAULA ABRAMO, ÓSCAR DE PABLO E MARICELA GUERRERO

Paulo Moreira¹

Resumo: Este artigo apresenta a tradução ao português de três poemas de três poetas mexicanos de grande relevância na literatura mexicana contemporânea, com uma breve introdução.

Palavras-chave: tradução, poesia, literatura mexicana, Paula Abramo, Oscar de Pablo, Maricela Guerrero

Abstract: This article presents the translation into Portuguese of three poems from three Mexican poets of great relevance in the contemporary cultural scene in their country, with a brief introduction.

Keywords: translation, poetry, Mexican literature, Paula Abramo, Oscar de Pablo, Maricela Guerrero

Introdução

Paula Abramo, Maricela Guerrero e Óscar de Pablo são parte de uma geração disposta a questionar o oficialismo que dominava a poesia mexicana em torno da presença de figuras como Octavio Paz. Sem constituir-se formalmente como grupo, esses poetas buscam unir excelência estética e contundência política e abandonar a ideia narcisista do poeta como herói lírico e dono de uma verdade transcendente.

Paula Abramo (1980) nasceu na Cidade do México e estudou Letras Clássicas na Universidad Nacional Autónoma de México. Traduziu inúmeros livros do português para o espanhol no México, desde Machado de Assis e Raul Pompéia, passando por Sofia de Mello Breyner Andersen e Clarice Lispector até Luiz Ruffato e Ana Martins Marques. Seu livro *Fiat Lux* (Ciudad de México: FETA, 2012) foi selecionado como o melhor livro de estreia daquele pela revista *Tempestad*. Publicou ainda em revistas *Oráculo*, *Punto de Partida*, *Consideraciones*, *Chilango*, *Ensamble* e *Kritiker* e participou de antologias como *Cuatro poetas recientes de México* (Buenos Aires: Black & Vermelho, 2011), *Siempre fiel: poetas en la*

¹ Professor Associado do Departamento de Línguas Modernas da Universidade de Oklahome e Doutor em literatura comparada pela Universidade da California em Santa Barbara. Autor de dois livros *Modernismo Localismo* nos Contos de William Faulkner, João Guimarães Rosa e Juan Rulfo (Editora UFMG) e *Deep Undercurrents – Literary and Cultural Relations Between Brazil and Mexico* (Palgrave McMillan).

muy imperial Ciudad de México (Guatemala, 2012) e *La Edad de Oro: Antología de Poesía Mexicana Actual* (México, UNAM, 2012). Tem um blogue sobre tradução chamado *Traicionar es preciso*. O poema “Rudolf Josip Lauff, preso na Polônia pelo exército russo e convertido ao bolchevismo” faz parte do livro *Fiat Lux*, no qual Paulo Abramo usa variadas memórias familiares (seu pai é brasileiro) que atravessam Europa e América Latina para construir um mundo poético onde rebeldia, engajamento e resistência são tópicos frequentes.

Óscar de Pablo (1979) é um poeta mexicano com vários prêmios em seu país. *Los endemoniados* ganhou o Prêmio Nacional de Poesia Jovem Elías Nandino em 2004. Em 2006 *Sonata para manos sucias* ganhou o primeiro prêmio de poesia jovem da Universidad Autónoma de la Ciudad de México (UNAM) e *Debiste haber contado otras historias* ganhou o Premio Francisco Cervantes Vidal. Em 2009 Óscar de Pablo ganhou o prêmio Alejandro Galindo pelo script cinematográfico de *Soldados de Guadalupe*, escrito junto com Marcos Villaseñor. Também publicou ensaios em revistas mexicanas e um romance, *El hábito de la noche*, em 2011. É autor também dos livros *La rojería: esbozos biográficos de comunistas mexicanos* (Random House, 2018) e *Las bolcheviques* (outra coleção de esboços biográficos, só que agora de mulheres bolcheviques) (Fundação Rosa Luxemburgo / Brigada para Leer en Libertad, 2018). O poema “Outra canção com porcos” é parte do seu quinto livro *El baile de las condiciones* de 2011, uma coleção que combina inventividade formal prodigiosa com rigor conceitual marxista de forma ousada e segura.

Maricela Guerrero (Cidade do México, 1977) é poeta, performer e editora, Guerrero estudou Letras Hispánicas na UNAM e fez mestrado em Letras Latinoamericanas na mesma instituição. Pertence ao Sistema Nacional de Creadores de Arte desde 2018. Seus poemas apareceram em antologias como: *Efectos secundarios* (Madrid: Anaya, 2004), *Un orbe más ancho: 40 poetas jóvenes (1971-1983)* (Carmina Estrada, UNAM, 2005), *Divino tesoro* (México: Casa Vecina, 2008), *Cuatro poetas recientes de México* (Buenos Aires: Black & Vermelho, 2011), *México 20: La nouvelle poésie mexicaine* (Jorge Esquinca, Tedi López Mills, Myriam Moscona, Castor Astral/Secretaría de Cultura, 2016) y *Sombra roja: diecisiete poetas mexicanas 1964-1985* (Rodrigo Castillo, Vaso Roto, 2017). Em 2006 publicou *Desde las ramas una guacamaya* (Bonobos-FONCA) e em 2018 *El sueño de toda célula*, que ganhou o Premio Clemencia Isaura de Poesía naquele ano. Seu livro *Kilimanjaro* (Mano Santa, 2011) foi traduzido

para o inglês por Stalina Villarreal em 2018. O poema “Dados” faz parte do livro *El sueño de toda celda* de 2018, coleção marcada por questões contemporâneas das ciências naturais.

Rudolf Josip Lauff, preso na Polônia pelo exército russo e convertido ao bolchevismo

Paula Abramo (trad. Paulo Moreira)

*não mas a nuvem olha
que gorda a nuvem que vai
passa
pese a nuvem com a mão e já não pense
se dentro magnésio ardente
uma esfera azul
rompendo devagarinho algo muito duro te percorre
porque você está toda de arames no meio
toda de unhas minúsculas copiosa
absurda mínima ridícula
encolhida
tanto uma migalha você é que a nuvem
—melhor é olhar a nuvem e pensar nela*

*por enquanto é óbvio
patente confirmado uma certeza
que uma chispa
a chamazinha real e evanescente de um palito
você não pode
nem é digna
de acendê-la*

Mas se tudo a zero
se reduzisse
se a zero a voltagem, se o dito
pelos cabos
a zero
chegasse,
se nada
levassem os trens, e a zero
ascendessem os jornais, e a zero
as caixas de fósforos
e nada engendrassem
as costureiras,
se calasse o aço
das engrenagens todas
em um instante
e não crescessem muros nem tetos
nem a fumaça no bucho da indústria
de supetão,

então, já sem dúvida, entenderias.

Isso te disseram, Rudolf,
ou talvez não;
falaria
o comissário do povo da guerra²
ou também não,

mas é certo que contempleste teus punhos
florescendo em eloquentes frieiras
e não sentiste fome

nesse dia,
cheio já de dias seguintes,
em que assumiste a guerra e o trajeto
e te vestiste de couro,
todo negro.

Todo negro era o couro,
e os vagões tantos,
e o peso tanto, e tantos os sapatos,
e o jornal feito no caminho.
Cinco voltas ao mundo.
Cinco voltas e meia,
a distância
percorrida entre neve, lodo, tempestades
e todos, e tu, Rudolf, iam todos
feitos um já, febris na correria
ininterrupta,
camaradas blindados,
convertendo
a lama e o pavor
em hino e chama.

Rudolf Josip Lauff, magiar, apresado en Polonia por el ejército ruso y ganado al bolchevismo

Paula Abramo

*no pero la nube mira
qué gorda va la nube
pasa
pésala con tu mano y ya no pienses
si adentro magnesio ardiente
una esfera azul
rompiendo despacito algo muy duro te recorre
que estás toda de alambres en el centro
toda de uñas minúsculas copiosa
absurda mínima ridícula
encogida
y eres tan una migaja que la nube
—mejor mira la nube y piensa en ella
porque por el momento es obvio
patente confirmado una certeza
que una chispa
la llamita real y evanescente de un cerillo*

² Título que León Trotsky sustentou na União Soviética até 1924.

*no puedes
ni eres digna
de encenderla*

Pero si todo a cero
se redujera,
si a cero el voltaje, si lo dicho
por los cables
a cero
llegara,
si nada
llevaran los trenes, y a cero
ascendieran los diarios, y a cero
las cajas de fósforos
y nada engendrarán
las costureras,
si callara el acero
de los engranes todos
en un instante
y no crecieran los muros ni los techos
ni en humo en el buche de la industria
de golpe,
entonces, ya sin duda, entenderías.
Eso te dijeron, Rudolf,
o quizá no;
hablaría
el comisario del pueblo de la guerra
o tampoco,
pero seguro que te contemplaste los puños
florecidos de elocuentes sabañones
y no sentiste hambre
ese día,
lleno ya de días siguientes,
en que asumiste la guerra y el trayecto
y te vestiste de cuero,
todo negro.
Todo negro era el cuero,
y los vagones tantos,
y el peso tanto, y tantos los zapatos,
y el diario hecho en la ruta.
Cinco vueltas al mundo.
Cinco vueltas y media,
la distancia
rodada entre la nieve, el lodo, las tormentas
y todos, y tú, Rudolf, iban todos
hechos ya uno, febriles de estampida
ininterrumpida,
camaradas blindados,
convirtiendo
la lama y el pavor
en himno y llama.

Outra canção com porcos

Óscar de Pablo (trad. Paulo Moreira)

Para fechar as portas do país à essa peste estrangeira, ontem a lei civil e a lei do Profeta (bendito seja seu nome) puseram-se em acordo. E hoje os trezentos mil porcos do Egito foram sacrificados. As milícias arrombaram as granjas e, trezentas mil vezes, ouviram os porcos guinchando como infieis e os infieis coptas guinchando como porcos, e o sangue e as lágrimas escorreram pelas portas dos cristãos pobres que adoram a impureza e insistem em viver —gente de lixo— da impura criação do rebanho suíno. Mas agora nunca mais. Hoje os trezentos mil porcos do Egito foram sacrificados por um decreto oficial, para que Alá nos proteja da peste estrangeira.

O Cairo cheirava a jasmim até ontem; hoje cheira a fumaça. Hoje os trezentos mil porcos do Egito viraram fumaça. Fumaça purificada pelo amor do fogo. As bocas dos puros detestam as sobras e os dejetos. As sobras e os dejetos das casas do Cairo sempre foram esmolas que os fiéis deixavam para a cobiça dos infieis coptas. Porque até antes de ontem, quando os emissários trouxeram notícias sobre a peste estrangeira, os coptas comiam porcos. E os porcos, lixo.

Os sábios do governo entenderam que era hora de serem gratos a Alá (bendito seja o seu nome) e puderam prever que a indigência dos suinocultores, privados de seus porcos, permitiria aos fiéis exercer, mais generosa e vastamente, a caridade da esmola.

Nas ruas do Cairo até ontem não cresciam pilhas de lixo, pois nas madrugadas os criadores de porcos passavam com suas carroças e sumiam com tudo levando tudo para seus barracos imundos no bairro dos coptas. E o Cairo era de Alá e cheirava a jasmim. Hoje os trezentos mil porcos do Egito, convertidos em fumaça, deixaram de comer os dejetos das casas do Cairo e o lixo cresce como um novo bosque pelas ruas. Porque os porcos coptas eram a digestão do Cairo muçulmano, hoje a cidade inteira apodrece no lixo. Hoje os infieis morrem de indigência e os crentes morrem das pestes locais (mas não da peste que assola os estrangeiros, porque Alá protege os fiéis e Alá está satisfeito).

De *El baile de las condiciones* (29-30)

Otra canción con cerdos

Óscar de Pablo

Para cerrar las puertas del país a la peste extranjera, ayer la ley civil y la ley del Profeta (bendito sea su nombre) se pusieron de acuerdo. Y hoy los trescientos mil cerdos de Egipto fueron sacrificados. Las milicias entraron en las granjas y, trescientas mil veces, oyeron a los cerdos chillando como infieles y a los infieles coptos chillando como cerdos, y la sangre y las lágrimas fluyeron por las puertas de los cristianos pobres que adoran la impureza e insisten en vivir —gente de la basura— de la impúdica crianza del ganado porcino. Pero ya nunca más. Hoy los trescientos mil cerdos de Egipto fueron sacrificados por decreto oficial, para que Alá nos guarde de la peste extranjera.

El Cairo olía a jazmines hasta ayer; hoy olió a humo. Hoy los trescientos mil cerdos de Egipto pasaron a ser humo. Humo purificado por el amor del fuego. Las bocas de los puros aborrecen las sobras y desechos. Las sobras y desechos de las casas de El Cairo fueron siempre limosna que los fieles dejaban a la codicia de los infieles coptos. Porque hasta antes de ayer, cuando los emisarios trajeron las noticias de la peste extranjera, los coptos comían cerdos. Y los cerdos basura.

Los sabios del gobierno supieron que era tiempo de ser gratos a Alá (bendito sea su nombre) y pudieron prever que la indigencia de los porcicultores, privados de sus cerdos, permitiría a los fieles ejercer, más generosa y vasta, la limosna.

En las calles de El Cairo hasta ayer no crecían las pilas de basura, pues en las madrugadas los criadores de cerdos pasaban con sus carros y cargaban con todo y lo llevaban a sus chozas inmundas del barrio de los coptos. Y El Cairo era de Alá y olía a jazmines. Hoy los trescientos mil cerdos de Egipto, convertidos en humo, dejaron de comerse los desechos de las casas de El Cairo y la basura crece como un nuevo bosque por las calles. Porque los cerdos coptos eran la digestión de El Cairo musulmán, hoy toda la ciudad se pudre en la basura. Hoy los infieles mueren de indigencia y los creyentes mueren de las pestes locales (pero no de la peste que asuela al extranjero, porque Alá los protege y Alá está complacido).

De *El baile de las condiciones* (29-30)

Dados

Maricela Guerrero (trad. Paulo Moreira)

A língua do império dos nossos dias está cifrada em estatísticas, em rios de dados fluindo por redes de energia e silicone, saís: que acumulam regras e multas e cadeia para os que se batem contra o império e a nossa maneira estabelecemos formas de resistir a essa língua: às vezes damos conta, às vezes não.

O império fala em moedas e talentos que absorvem e cercam rios que destroçam territórios e extraem minerais e rios e pessoas: que dissolvem, destroçam e acumulam. Interveem processos metabólicos: subtraem.

Acumular é uma língua imperiosa.
Competir é uma tarefa imperial.

Impor é a maismedula³ disso que até agora vislumbro como língua imperial enxertada e dolorosa: aguda, pontuda: impor é uma forma de dor que se introjeta e envenena.

Faz pensar em subtrações.

Há algo que precisamos conhecer. Há algo que é preciso compreender e amar. Há algo alheio que deve ser solto. Soltemos os lobos. Soltemos a ideia de que estamos sós. Esta noite a dezesseis quilômetros de distância no Instituto Nacional de Neurologia e Neurocirurgia as células da professora Olmedo se debatem entre o sonho de devir células ou dormir profundamente; no podemos acompanhá-las.

³ Aqui trata-se de citação a um neologismo criado pelo escritor vanguardista argentino Oliverio Girondo, cujo livro de poemas de 1956 se chamava justamente *En la másmedula*.

Datos

Maricela Guerrero

La lengua del imperio de nuestros días está cifrada en estadísticas, en ríos de datos fluyendo por redes de energía y siliconas, sales: que acumulan reglas y multas y cárcel a los que van en contra del imperio y a nuestra forma establecemos formas de resistirnos a esa lengua: a veces nos sale a veces no.

El imperio habla en monedas y talentos que absorben y cercan ríos que destrozan territorios y extraen minerales y ríos y personas: que disuelven, trozan y acumulan. Intervienen procesos metabólicos: sustraen.

Acumular es una lengua imperiosa.
Competir es una tarea imperial.

Imponer es la masmédula de esto que hasta ahora vislumbro como lengua imperial inserta y dolorosa: aguda, punzante: imponer es una forma de dolor que se introyecta y envenena.

Hace pensar en sustracciones.

Hay algo que requerimos conocer. Hay algo que es preciso comprender y amar. Hay algo ajeno que debe ser soltado. Soltemos lobos.

Soltemos la idea de que estamos solos.

Esta noche a dieciséis kilómetros de distancia en el Instituto Nacional de Neurología y Neurocirugía las células de la maestra Olmedo se debaten entre el sueño de devenir células o dormir profundamente; no podemos acompañarlas.

Referências

Abramo, Paula. *Fiat Lux*. México: Fondo Editorial Tierra Adentro, 2012.

de Pablo, Oscar. *El baile de las condiciones*. México: Conaculta, 2010.

Guerrero, Maricela. *El sueño de toda célula*. México: Antílope, 2018.

Recebido em: 01/02/2021

Aprovado em: 30/06/2021